

**Corpus Thomisticum**<http://www.corpusthomisticum.org/qdp3.html>

Textum Taurini 1953 editum  
ac automato translatum a Roberto Busa SJ in taenias  
magneticas denuo recognovit Enrique Alarcón atque  
instruxit.

**SANCTI THOMAE DE AQUINO.****QUAESTIONES DISPUTATAE DE POTENTIA DEI****QUAESTIO III****ARTICULUS 17****DECIMOSEPTIMO QUAERITUR UTRUM MUNDUS SEMPER FUERIT**

Et videtur quod sic.

**ARGUMENTA**

1. Quia proprium semper consequitur id cuius est proprium. Sed, sicut dicit Dionysius, proprium est divinae bonitatis ad communicationem sui ea quae sunt vocare; quod quidem fit creaturas producendo. Cum ergo divina bonitas semper fuerit, videtur quod semper creaturas in esse produxerit; et ita videtur quod semper fuerit mundus.

2. Praeterea, Deus non denegavit alicui creaturae id cuius est capax secundum suam naturam. Sed aliquae creaturae sunt quarum natura est capax ut semper fuerit; sicut caelum. Ergo videtur quod hoc fuerit caelo collatum ut semper esset. Sed caelo existente oportet ponere alias creaturas esse, sicut probat philosophus, in II de caelo et mundo. Ergo videtur quod mundus fuerit semper. Probatio mediae. Omne quod est incorruptibile, habet virtutem ut sit semper: quia si haberet virtutem ut esset aliquo tempore determinato tantum, non posset esse semper: et ita non esset incorruptibile. Caelum autem est incorruptibile. Ergo habet naturam quod sit semper.

3. Sed dicendum, quod caelum non est simpliciter incorruptibile; decideret enim in nihilum, nisi per virtutem Dei contineretur in esse.- Sed contra, non est reputandum aliquid esse possibile vel contingens, propter hoc quod eius destructio sequitur ex destructione consequentis; licet enim hominem esse animal sit necessarium, tamen destructio eius sequitur ad destructionem huius consequentis hominem esse substantiam. Non ergo videtur quod propter hoc possit dici caelum esse corruptibile, quia eius non esse sequitur ad aliquam positionem qua ponitur Deus suam conti-

**Aquinate**<http://www.aquinate.net/traduções.html>

Texto Taurino editado em 1953  
e transferido automaticamente por Roberto Busa  
SJ para fitas magnéticas e de novo revisto e orde-  
nado por Enrique Alarcón.

**SANTO TOMÁS DE AQUINO.****QUESTÕES DISPUTADAS SOBRE O PODER DE DEUS****QUESTÃO 3****ARTIGO 17****DÉCIMO SÉTIMO, PERGUNTA-SE SE O MUNDO SEMPRE EXISTIU**

E parece que sim.

**ARGUMENTOS<sup>1</sup>**

1. Porque o que é próprio sempre segue aquele de quem é próprio. Ora, como diz Dionísio<sup>2</sup>, é próprio da bondade divina chamar ao que é à comunicação de si; o que, de fato ocorre ao produzir as criaturas. Logo, como a bondade de Deus sempre existiu, parece ter produzido sempre no ser as criaturas; e assim parece que o mundo sempre existiu.

2. Além do mais, Deus não tem negado a nenhuma criatura aquilo do qual é capaz segundo a sua natureza. Ora, existem algumas criaturas cuja natureza é capaz de ter sempre existido, assim como o céu. Logo, parece que ao céu tem sido concedido sempre existir. Ora, junto com o céu existente é preciso estabelecer que existem outras criaturas, como prova o Filósofo no livro II de *Sobre o céu e o mundo*<sup>3</sup>. Logo, parece que o mundo sempre existiu. Prova da premissa do meio. Tudo que é incorruptível tem a capacidade de existir sempre, porque se tem a possibilidade de existir apenas por certo tempo, não poderia existir sempre, e assim não seria incorruptível. No entanto, o céu é incorruptível. Logo, tem uma natureza pela qual existe sempre.

3. Mas se poderia dizer que o céu não é absolutamente incorruptível; pois cairia no nada, a não ser que fosse sustentado no ser pelo poder de Deus.- Mas, ao contrário, não se há de sustentar que uma coisa é possível ou contingente porque sua destruição se siga da destruição do consequente; com efeito, ainda que seja necessário que o homem seja animal, porém a destruição dessa afirmação segue da destruição do consequente de que o homem é substância. Logo, não parece que se possa dizer que o céu seja corruptível, porque se se defende que

<sup>1</sup> Na edição Taurini, reproduzida por Enrique Alarcón, não há esta divisão que ora propomos: *Argumenta*. O intuito é orientar o leitor quanto à dinâmica da argumentação da exposição do Aquinate. De igual modo, não há notas de pé de página na referida edição latina.

<sup>2</sup> PSEUDO-DIONÍSIO, *De caelesti hierarchia*, 4, 1.

<sup>3</sup> ARISTÓTELES, *De caelo*, II, 3, 286 a 10-186 b 9.

mentiam subtrahere creaturis.

**4.** Praeterea, sicut Avicenna probat in sua *Metaphysic.*, quilibet effectus, in comparatione ad suam causam est necessarius; quia si posita causa non necessario sequitur effectus, adhuc posita causa possibile erit effectum esse vel non esse; quod autem est in potentia, non reductur in actum nisi per id quod est actu; unde oportebit quod praeter causam praedictam sit aliqua alia causa quae faciat effectum prodire in actum ex potentia qua possibile erat ipsum esse vel non esse posita causa. Ex quo potest accipi, quod posita causa sufficienti necesse est ipsum poni. Sed Deus est causa sufficiens mundi. Cum ergo Deus fuerit semper, et mundus fuit semper.

**5.** Praeterea, omne quod est ante tempus, est aeternum; aevum enim non est ante tempus, sed incepit simul cum tempore. Sed mundus fuit ante tempus, fuit enim creatus in primo instanti temporis, quod constat esse ante tempus; dicitur enim Genes. I, 1: *in principio creavit Deus caelum et terram, id est in principio temporis*. Ergo mundus fuit ab aeterno.

**6.** Praeterea, idem manens idem, semper facit idem, nisi impediatur. Sed Deus semper idem manet, sicut in Ps. ci, 28, legitur: *tu autem idem ipse es*. Cum igitur in sua actione impedi non possit propter infinitatem suae potentiae, videtur quod semper idem faciat. Et ita, cum aliquando mundum produxerit, videtur quod etiam semper ab aeterno produxerit.

**7.** Praeterea, sicut homo necessario vult suam beatitudinem, ita Deus necessario vult suam bonitatem et quod ad eam pertinet. Sed ad bonitatem divinam pertinet productio creaturarum in esse. Ergo hoc Deus necessitate vult; et ita videtur quod ab aeterno producere creaturas voluerit, sicut voluit ab aeterno bonitatem suam esse.

**8.** Sed dicendum, quod ad bonitatem Dei pertinet quod creaturae producantur in esse, non autem quod producantur in esse ab aeterno.- Sed contra, maioris liberalitatis est aliquid citius dare quam tardius. Sed liberalitas divinae bonitatis est infinita. Ergo videtur quod ab aeterno esse creaturis dedit.

**9.** Praeterea, Augustinus dicit: *illud dico te velle quod facis si potes*. Sed Deus ab aeterno voluit mundum producere; alias fuisset mutatus, si accessisset ei nova voluntas mundi creandi. Cum ergo nulla impotentia ei conveniat, videtur quod ab aeterno mundum produxerit.

**10.** Praeterea, si mundus non semper fuit; antequam mundus esset, aut erat possibile ipsum esse, aut non.

Deus subtrai das criaturas sua conservação, se seguiria seu não-ser.

**4.** Além do mais, como Avicena prova na sua *Metafísica*<sup>4</sup>, qualquer efeito em relação a sua causa é necessário; porque se posta a causa não se segue necessariamente o efeito, assim posta a causa será possível que o efeito seja ou não seja; porém o que está em potência não é levado ao ato a não ser pelo que está em ato; por isso será necessário que além da causa dita haja outra causa que faça o efeito ao ato a partir da potência em que era possível, posta a causa de ser ou não ser. A partir disso se pode considerar que, posta a causa suficiente, também é necessário pôr seu efeito. Ora, Deus é a causa suficiente do mundo. Logo, como Deus sempre existiu, também o mundo sempre existiu.

**5.** Além do mais, tudo o que é antes do tempo é eterno; pois o evo não é antes do tempo, mas começa junto com o tempo. Ora, o mundo existia antes do tempo, porque foi criado no primeiro instante de tempo, que consta existir antes do tempo; pois, diz-se em Gn 1, 1: *No princípio, criou Deus o céu e a terra*, isto é, *no princípio do tempo*. Logo, o mundo existiu desde que a eternidade.

**6.** Além do mais, o mesmo que permanece o mesmo produz sempre o mesmo, a não ser que seja impedido. Ora, Deus permanece sempre o mesmo, como se diz no Sl 101, 28: *tu existes e teus anos jamais findarão*. Portanto, como a sua ação não pode ser impedida porque a sua potência é infinita, parece que sempre produzirá o mesmo. E, assim, posto que tenha produzido o mundo em um determinado momento, parece que o tenha produzido também desde a eternidade.

**7.** Além do mais, assim como o homem quer necessariamente sua felicidade, assim também Deus quer necessariamente a sua bondade, e o que a ela pertence. Ora, pertence à bondade de Deus a produção das criaturas no ser. Logo, Deus quer isso necessariamente; e assim também parece que tem querido produzir as criaturas desde a eternidade, como desde a eternidade tem querido que existisse sua bondade.

**8.** Mas se poderia dizer que pertence à bondade de Deus que as criaturas fossem produzidas no ser, porém não que fossem produzidas no ser desde a eternidade.- Mas, ao contrário, há mais liberalidade em dar com maior rapidez do que quem dá mais lentamente. Ora, a liberalidade da bondade divina é infinita. Logo, parece que tem dado o ser às criaturas desde a eternidade.

**9.** Além do mais, Agostinho<sup>5</sup> diz: *digo que tu queres o que podes fazer*. Ora, Deus quis produzir o mundo desde a eternidade; caso contrário teria mudado se lhe tivesse surgido uma nova vontade de criar o mundo. Logo, como não lhe convém qualquer impotência, parece tem produzido o mundo desde a eternidade.

**10.** Além do mais, se o mundo nem sempre existiu, antes que o mundo fosse ou era possível de existir,

<sup>4</sup> AVICENA, *Metaphysica*, I, 6.

<sup>5</sup> AGOSTINHO, *Confessiones*, 8, 9.

Si non erat possibile, ergo impossibile erat ipsum esse, et necesse non esse; et sic nunquam fuisset in esse productus. Si autem possibile erat eum esse, ergo erat aliqua potentia respectu ipsius; et ita erat aliquod subiectum sive materia, cum potentia non nisi in subiecto esse possit. Sed si fuit materia fuit et forma; cum materia non possit omnino esse a forma denudata. Ergo fuit aliquod corpus compositum ex materia et forma, et ex consequenti fuit totum universum.

**11.** Praeterea, omne quod fit actu postquam fuit possibile fieri, educitur de potentia in actum. Si ergo mundum fuit possibile fieri, antequam esset, oportet dicere mundum eductum esse de potentia in actum; et ita materiam praecessisse, et fuisse aeternam: ex quo sequitur idem quod prius.

**12.** Praeterea, omne agens quod de novo incipit agere, movetur de potentia in actum. Sed hoc Deo non potest competere, cum ipse sit omnino immobilis. Ergo videtur quod ipse non incepit de novo agere, sed quod ab aeterno mundum produxerit.

**13.** Praeterea, agens per voluntatem, si incipit facere quod prius volebat, cum antea non fecisset, oportet ponere aliquid esse nunc inducens ipsum ad agendum, quod prius non inducebat; quod est quodammodo expergefaciens ipsum. Sed non potest dici quod aliquid aliud fuerit praeter Deum ante mundum, quod de novo eum induxerit ad agendum. Cum ergo ab aeterno voluerit mundum facere (alias voluntati eius aliquid accrevisset), videtur quod ab aeterno fecerit.

**14.** Praeterea, nihil movet voluntatem divinam ad agendum nisi bonitas eius. Sed bonitas divina semper eodem modo se habet. Ergo et voluntas Dei semper se habet ad productionem creaturarum; et ita ab aeterno creaturas produxit.

**15.** Praeterea, illud quod est semper in principio et in fine sui nunquam incipit nec desinit: quia unaquaeque res est post sui principium et ante sui finem. Sed tempus semper est in sui principio et in sui fine; nihil enim est temporis nisi instans, quod est finis praeteriti et principium futuri. Ergo tempus nunquam incipit nec desinit, sed semper est; et per consequens motus semper, et mobile semper, et totus mundus; tempus enim non est sine motu, nec motus sine mobili, nec mobile sine mundo.

**16.** Sed dicendum, quod primum instans temporis non est finis praeteriti, nec ultimum principium futuri. Sed contra, nunc temporis semper consideratur ut fluens, et in hoc differt a nunc aeternitatis. Sed quod fluit, ab alio in aliud fluit. Ergo oportet omne nunc a priori nunc in posterius fluere. Ergo impossibile est esse aliquod primum vel ultimum nunc.

ou não. Se não fosse possível, portanto era impossível de existir, e necessário que não existisse, e assim que nunca fosse produzido no ser. No entanto, se fosse possível que ele existisse, logo haveria alguma potência em relação ao mesmo, e assim existiria algum sujeito ou matéria, pois a potência não pode existir a não ser em um sujeito. Ora, se existia uma matéria, também existia uma forma, porque não pode existir uma matéria totalmente privada de forma. Logo, existiu algum corpo composto de matéria e forma, e consequentemente existiu todo o universo.

**11.** Além do mais, tudo que é feito em ato depois que foi possível de ser feito, é levado da potência ao ato. Logo, se foi possível que o mundo fosse feito antes de existir, é necessário dizer que o mundo foi levado da potência ao ato, e assim a matéria era preexistente e era eterna; disso se segue o mesmo que de antes.

**12.** Além do mais, qualquer agente que começa a agir de modo novo, move-se da potência ao ato. Ora, isso não pode ser dito de Deus, por ser Ele absolutamente imóvel. Logo, parece que Ele não começou a agir de modo novo, mas que produziu o mundo desde a eternidade.

**13.** Além do mais, se um agente que opera por vontade começa a fazer o que previamente queria, enquanto que antes não o fazia, é necessário defender que existe agora uma coisa que o tenha levado a agir, o que anteriormente não o induziu a fazê-lo, o que de um certo modo o desperta. Ora, não se pode dizer que existia antes do mundo algo diferente de Deus que o tenha levado a agir. Logo, como Ele quis desde a eternidade fazer o mundo (caso contrário se teria acrescentado algo à sua vontade), parece que o tem feito desde sempre.

**14.** Além do mais, nada move a vontade divina a agir a não ser a sua bondade. Ora, a bondade divina é sempre de um mesmo modo. Logo, também a vontade de Deus sempre se relaciona com a produção das criaturas, e assim tem produzido as criaturas desde a eternidade.

**15.** Além do mais, aquilo que é sempre no princípio e no fim de si nunca começa nem acaba: porque cada coisa é depois de seu princípio e antes de seu fim. Ora, o tempo é sempre em seu princípio e em seu fim; pois nada é próprio do tempo a não ser o instante, que é fim do passado e começo do futuro. Logo, o tempo não começa nem para nunca, mas é sempre, e, por consequência, há sempre o movimento, e há sempre o móvel e todo o mundo, pois o tempo não existe sem movimento, nem o movimento sem o móvel, nem o móvel sem o mundo.

**16.** Mas se poderia dizer que o primeiro instante do tempo não é o fim do passado, nem o último é o início do futuro. Mas, ao contrário, o agora do tempo é sempre considerado como algo que flui, e nisso é diferente do agora da eternidade. Ora, o que flui flui desde algo para algo. Logo, é necessário que todo o agora flua desde um agora prévio para outro posterior. Logo, é impossível que haja um primeiro ou o último instante.

**17.** Praeterea, motus sequitur mobile, et tempus sequitur motum. Sed primum mobile, cum sit circulare, non habet principium neque finem: quia in circulo non est accipere principium et finem in actu. Ergo neque motus neque tempus habent principium; et sic idem quod prius.

**18.** Sed dicendum, quod licet ipsum corpus circulare non habeat principium magnitudinis, habet tamen principium durationis.- Sed contra, duratio motus sequitur mensuram magnitudinis: quia, secundum philosophum, quanta est magnitudo, tantum est et motus, et tantum tempus. Si ergo in magnitudine corporis circularis non est aliquod principium, nec in magnitudine motus et temporis erit principium, et per consequens nec in eorum duratione, cum eorum duratio, et praecipue temporis, sit eorum magnitudo.

**19.** Praeterea, Deus est causa rerum per scientiam suam. Scientia autem relative dicitur ad scibile. Cum igitur relativa sint simul natura, et scientia Dei sit aeterna, videtur quod res sint ab ipso ab aeterno productae.

**20.** Praeterea, aut Deus praecedit mundum natura tantum, aut duratione. Si natura tantum, sicut causa effectum sibi coevum, videtur quod cum Deus fuerit ab aeterno, et creaturae fuerint ab aeterno. Si autem praecedit mundum duratione, si ergo est accipere aliquam durationem priorem duratione mundi, quae se habet ad durationem mundi ut prius ad posterius. Sed duratio quae habet prius et posterius est tempus. Ergo ante mundum fuit tempus, et per consequens motus et mobile; et sic idem quod prius.

**21.** Praeterea, Augustinus dicit: *Deum ab aeterno dominum non fuisse dicere nolo*. Sed quandocumque fuit dominus, habuit creaturam sibi subiectam. Ergo non est dicendum, quod creatura non fuerit ab aeterno.

**22.** Praeterea, Deus potuit mundum producere antequam produxerit; alias impotens fuisset. Scivit etiam ante producere; alias ignorans esset. Videtur etiam quod voluit, alias invidus fuisset. Ergo videtur quod non inceperit de novo producere creaturas.

**23.** Praeterea, omne quod est finitum, est communicabile creaturae. Sed aeternitas est quoddam finitum; alias nihil posset esse ultra aeternitatem: dicitur enim Exod. XV, 18: *dominus regnabit in aeternum et ultra*. Ergo videtur quod creatura fuerit aeternitatis capax; et sic conveniens fuit divinae bonitati quod creaturam ab aeterno produxerit.

**24.** Praeterea, omne quod incipit, habet mensuram suae durationis. Sed tempus non potest habere aliqu-

**17.** Além do mais, o movimento segue o móvel, e o tempo segue o movimento. Ora, o primeiro móvel, por ser circular, não tem princípio nem fim, porque em um círculo não se pode considerar em ato nem um princípio nem um fim. Logo, tampouco o movimento nem o tempo têm princípio, e assim o mesmo de antes.

**18.** Mas se poderia dizer que ainda que um corpo circular não tenha princípio de magnitude, porém tem um princípio de duração.- Mas, ao contrário, a duração do movimento segue a medida da magnitude, porque segundo o Filósofo<sup>6</sup>, tanto o movimento quanto o tempo dependem da magnitude. Logo, se na magnitude do corpo circular não há nenhum princípio, nem haverá princípio na magnitude do movimento nem do tempo e, por consequência, na sua duração, porque a sua duração, e principalmente a do tempo, é sua magnitude.

**19.** Além do mais, Deus é a causa das coisas por sua ciência. Contudo, a ciência se diz por relação ao cognoscível. Portanto, como as coisas relativas são simultâneas por natureza, e sendo eterna a ciência de Deus, parece que as coisas tenham sido produzidas por Ele desde a eternidade.

**20.** Além do mais, ou Deus precede o mundo por natureza ou também na duração. Se apenas pela natureza, assim como a causa produz um efeito que tenha a sua mesma duração, parece que por ser Deus eterno, também as criaturas existiram desde a eternidade. No entanto, se precede o mundo pela duração, logo se deve considerar uma duração anterior à duração do mundo, que tem uma relação como o anterior ao posterior em relação à duração do mundo. Ora, uma duração que tem um antes e um depois é tempo. Logo, antes do mundo existiu o tempo e, por consequência, o movimento e o móvel, e assim o mesmo que antes.

**21.** Além do mais, diz Agostinho<sup>7</sup>: *Não quero dizer que Deus não tenha sido desde toda a eternidade o Senhor*. Ora, durante todo o tempo que tem sido o Senhor, tem havido a criatura sujeita a si. Logo, não se deve dizer que a criatura não tenha existido desde a eternidade.

**22.** Além do mais, Deus poderia ter produzido o mundo antes de tê-lo produzido; caso contrário teria sido impotente. Conheceu-o também antes de produzir; em caso contrário seria ignorante. Também parece que o quis; de outra forma teria sido invejoso. Logo, não parece que tenha começado a produzir as criaturas em momento determinado.

**23.** Além do mais, tudo o que é finito é comunicável à criatura. Ora, a eternidade é certo finito; caso contrário não poderia haver nada além da eternidade; pois se diz em Ex 15, 18: *Iahweh reinará para sempre e eternamente*. Logo, parece que a criatura tem sido capaz da eternidade; e assim foi conveniente a bondade divina que tem produzido a criatura desde a eternidade.

**24.** Além do mais, tudo o que começa tem uma medida de sua duração. Ora, o tempo não pode ter

<sup>6</sup> ARISTÓTELES, *Physica*, VI.

<sup>7</sup> AGOSTINHO, *De civitate Dei*, 12, 16 (CCL 48, 370).

am mensuram suae durationis: non enim mensuratur aeternitate, quia sic semper fuisset: nec aevo, quia sic in perpetuum duraret; nec tempore, quia nihil est mensura sui ipsius. Ergo tempus non incipit esse, et ita nec mobile nec mundus.

**25.** Praeterea, si tempus incepit esse, aut incepit esse in tempore, aut in instanti. Sed non incepit esse in instanti, quia in instanti tempus nondum est; nec iterum in tempore, quia sic nihil temporis ante temporis terminum esset; nihil enim rei est antequam res esse incipiat. Ergo tempus non incepit esse: et sic idem quod prius.

**26.** Praeterea, Deus ab aeterno fuit causa rerum: alias oporteret dicere, quod prius fuit causa in potentia, et postea in actu; et sic esset aliquid prius quod reduceret ipsum de potentia in actum, quod est impossibile. Nihil autem est causa, nisi causatum habeat. Ergo mundus fuit a Deo ab aeterno creatus.

**27.** Praeterea, verum et ens convertuntur. Sed multa sunt vera ab aeterno; sicut hominem non esse asinum, et mundum futurum esse, et multa similia. Ergo videtur quod multa sunt entia ab aeterno; et non solum Deus.

**28.** Sed dicendum, quod omnia ista sunt vera veritate prima, quae Deus est.- Sed contra, alia veritas est huius propositionis, mundum futurum esse, et huius, hominem non esse asinum: quia posito per impossibile quod una sit falsa, adhuc reliqua erit vera. Sed veritas prima non est alia et alia. Ergo non sunt vera veritate prima.

**29.** Praeterea, secundum philosophum in praedicationis, ex eo quod res est vel non est, oratio vera vel falsa est. Si igitur multae propositiones verae sint ab aeterno, videtur quod res per eas signatae ab aeterno extiterint.

**30.** Praeterea Deo idem est dicere quod facere; unde in Ps. 148, 5: *dixit, et facta sunt*. Sed dicere Dei est aeternum: alias filius qui est verbum patris non esset patri coaeternus. Ergo et facere Dei est aeternum, et ita mundus est factus ab aeterno.

#### SED CONTRA

**1.** Est quod dicitur Proverb. cap. VIII, 24, ex ore divinae sapientiae: *nondum erant abissi, et ego iam concepta eram: necdum fontes aquarum eruperant, necdum montes gravi mole constiterant; ante omnes colles ego parturiebar; adhuc terram non fecerat et flumina et cardines orbis terrae*. Ergo cardines orbis

qualquer medida de sua duração. Com efeito, não é medido pela eternidade, porque assim haveria existido sempre; nem pelo evo, porque assim duraria perpetuamente; nem pelo tempo, porque nada é medida de si mesmo. Logo, o tempo não começou a existir, e assim também nem o móvel nem o mundo.

**25.** Além do mais, se o tempo começou a existir, ou começou a existir no tempo ou em um instante. Ora, não começou a existir em um instante, porque no instante o tempo ainda não é; nem tampouco no tempo, porque assim não haveria tempo antes do final do tempo; pois, não há nada de uma coisa antes que esta comece a existir. Logo, o tempo não começou a existir; e assim o mesmo que antes.

**26.** Além do mais, Deus tem sido a causa das coisas desde a eternidade: de outro modo deveria se dizer que antes foi causa em potência, e em seguida em ato; e assim haveria antes d'Ele algo que faria passar da potência ao ato, o que é impossível. Contudo, nada é causa a não ser que tenha algo causado. Logo, o mundo foi criado por Deus desde a eternidade.

**27.** Além do mais, o verdadeiro e o ente são conversíveis. Ora, muitas coisas são verdadeiras desde a eternidade; assim como o homem não é um asno, e que o mundo deveria existir, e muitas coisas semelhantes. Logo, parece que há muitas coisas que são entes desde a eternidade e não só Deus.

**28.** Mas se poderia dizer que todas essas coisas são verdadeiras pela verdade primeira, que é Deus.- Mas, ao contrário, a verdade desta proposição, "o mundo existirá", é diferente da verdade desta outra, "o homem não é um asno", porque se admite por impossível que uma seja falsa, porém a outra será verdadeira. Ora, a verdade primeira não é uma e outra. Logo, não são verdadeiras pela verdade primeira.

**29.** Além do mais, segundo o Filósofo nas *Categorias*<sup>8</sup>, o fato do discurso ser verdadeiro ou falso depende de que a coisa seja ou não seja. Portanto, se muitas proposições são verdadeiras desde a eternidade, parece que as coisas por elas designadas têm existido desde a eternidade.

**30.** Além do mais, para Deus é o mesmo dizer e fazer; por isso no Sl 148, 5 se diz: *pois ele mandou e foram criados*. Ora, o dizer de Deus é eterno, pois de outro modo o Filho que é a Palavra do Pai não seria coeterno com o Pai. Logo, também o fazer de Deus é eterno e assim o mundo sempre foi feito desde a eternidade.

#### AO CONTRÁRIO

**1.** É o que se diz em Pr 8, 24ss, pela boca da Sabedoria divina: *Quando os abissos não existiam, eu fui gerada, quando não existiam, os mananciais das águas. Antes que as montanhas fossem implantadas, antes das colinas, eu fui gerada; ele ainda não havia feito a terra e a erva, nem os*

<sup>8</sup> ARISTÓTELES, *Categoriae*, 5, 4 b 8-10.

terrae et flumina et terra non semper fuerunt.

**2.** Praeterea, secundum Priscinianum quanto tempore iuniores, tanto intellectu perspicaciores. Sed perspicacitas non est infinita. Ergo nec tempus quo perspicacitas creavit fuit infinitum, et per consequens nec mundus.

**3.** Praeterea, Iob XIV, 19: *alluvione paulatim terra consumitur*. Sed terra non est infinita. Si ergo fuisset tempus infinitum, iam totaliter esset consumpta: quod patet esse falsum.

**4.** Praeterea, constat Deum naturaliter esse mundo priorem, sicut causam effectum. Sed in Deo idem est duratio et natura. Ergo Deus duratione prior est mundo, et ita mundus non semper fuit.

#### RESPONDEO

Dicendum quod firmiter tenendum est mundum non semper fuisse, sicut fides Catholica docet. Nec hoc potest aliqua physica demonstratione efficaciter impugnari. Ad cuius evidentiam sciendum est, quod sicut in quaestione alia est habitum, in operatione Dei non potest accipi aliquod debitum ex parte causae materialis, neque potentiae activae agentis, nec ex parte finis ultimi, sed solum ex parte formae quae est finis operationis, ex cuius praesuppositione requiritur quod talia existant qualia competunt illi formae.

Et ideo aliter dicendum est de productione unius particularis creaturae, et aliter de exitu totius universi a Deo. Cum enim loquimur de productione alicuius singularis creaturae, potest assignari ratio quare talis sit, ex aliqua alia creatura, vel saltem ex ordine universi, ad quem quaelibet creatura ordinatur, sicut pars ad formam totius. Cum autem de toto universo loquimur educendo in esse, non possumus ulterius aliquod creatum invenire ex quo possit sumi ratio quare sit tale vel tale; unde, cum nec etiam ex parte divinae potentiae quae est infinita, nec divinae bonitatis, quae rebus non indiget, ratio determinatae dispositionis universi sumi possit, oportet quod eius ratio sumatur ex simplici voluntate producentis ut si quaeratur, quare quantitas caeli sit tanta et non maior, non potest huius ratio reddi nisi ex voluntate producentis.

*primeiros elementos do mundo*. Logo, as dobraduras da orbe da terra e os rios e a terra que não existiram sempre.

**2.** Além do mais, segundo Prisciniano<sup>9</sup>, os mais jovens no tempo são os mais perspicazes em inteligência. Ora, a perspicácia não é infinita. Logo, nem o tempo no qual a perspicácia aumentou foi infinito, e por consequência nem o mundo.

**3.** Além do mais, em Jó 14, 19 se diz: *Gradualmente a terra se consome pelo aluvião*.<sup>10</sup> Ora, a Terra não é infinita. Logo, se o tempo fosse infinito, ela já estaria totalmente consumida, o que é manifestamente falso.

**4.** Além do mais, consta que Deus é naturalmente anterior ao mundo, assim como a causa em relação ao efeito. Ora, em Deus é o mesmo a duração e a natureza. Logo, Deus é anterior ao mundo em duração, e assim o mundo nem sempre existiu.

#### RESPONDO

Respondo, dizendo, que se deve sustentar firmemente que o mundo nem sempre existiu, como ensina a fé católica. Isso não pode ser eficazmente refutado por qualquer demonstração física. Para compreender a evidência disso, deve-se saber que, como foi tratado em outra questão, na operação de Deus uma coisa não pode ser considerada como sendo devida desde a perspectiva da causa material, nem da potência ativa do agente, nem da perspectiva do fim último, mas apenas do ponto de vista da forma que é fim da operação, por cuja pressuposição se requer que existam as características que competem a essa forma.

E, por isso, uma coisa é o que se deve dizer sobre a produção de uma criatura particular e outra distinta sobre a derivação de Deus do universo em seu conjunto. Com efeito, quando falamos da produção de uma criatura singular, pode se atribuir a razão pela qual seja de tal natureza por referência a outra criatura, ou pelo menos à ordem do universo, a que toda criatura é ordenada, como uma parte à forma do todo. No entanto, quando falamos sobre a produção no ser do universo como um todo, não podemos encontrar algo criado a partir do qual se possa extrair a razão para que tenha uma ou outra determinada natureza; por isso, como a razão de uma disposição determinada do universo não pode buscar-se nem na potência divina, que é infinita, nem na bondade divina, que não está necessitada das coisas, é necessário que a razão para esta disposição do universo deva ser buscada na simples vontade de quem a tem produzido, o mesmo que se se pergunta por que o céu tem tal quantidade e não uma maior, não pode dar-se razão a não ser da vontade de quem o criou.

<sup>9</sup> PRISCIANO DE CESAREA, *Institutiones grammaticarum*, ed. M. Hertz, t. I (Leipzig 1855), Georg Olms, Hildesheim 1961, 1.

<sup>10</sup> Por razão de uma melhor compreensão do texto, optamos por traduzir literalmente do latim e não usar a versão da Bíblia de Jerusalém.

Et propter hoc etiam, ut Rabbi Moyses dicit, divina Scriptura inducit homines ad considerationem caelestium corporum, per quorum dispositionem maxime ostenditur quod omnia subiacent voluntati et providentiae creatoris. Non enim potest assignari ratio quare talis stella tantum a tali distet, vel aliqua huiusmodi quae in dispositione caeli consideranda occurrunt, nisi ex ordine sapientiae Dei; unde dicitur Is. XL, 26: *levate in excelsum oculos vestros; et videte quis creavit haec.*

Nec obstat, si dicatur quod talis quantitas consequitur naturam caeli vel caelestium corporum, sicut et omnium natura constantium est aliqua determinata quantitas, quia sicut divina potentia non limitatur ad hanc quantitatem magis quam ad illam, ita non limitatur ad naturam cui debeatur talis quantitas, magis quam ad naturam cui alia quantitas debeatur. Et sic eadem redibit quaestio de natura, quae est de quantitate; quamvis concedamus, quod natura caeli non sit indifferens ad quamlibet quantitatem, nec sit in eo possibilitas ad aliam quantitatem nisi ad istam.

Non sic autem potest dici de tempore vel temporis duratione. Nam tempus est extrinsecum a re, sicut et locus; unde etiam in caelo, in quo non est possibilitas respectu alterius quantitatis vel accidentis interius inhaerentis, est tamen in eo possibilitas respectu loci et situs, cum localiter moveatur; et etiam respectu temporis, cum semper tempus succedat tempori, sicut est successio in motu et in ubi; unde non potest dici, quod neque tempus neque ubi consequatur naturam eius, sicut de quantitate dicebatur. Unde patet quod ex simplici Dei voluntate dependet quod praefigatur universo determinata quantitas durationis, sicut et determinata quantitas dimensionis. Unde non potest necessario concludi aliquid de universi duratione, ut per hoc ostendi possit demonstrative mundum semper fuisse.

Quidam vero non considerantes exitum universi a Deo, coacti sunt circa inceptionem mundi errare. Quidam namque causam agentem praetermittentes, solam materiam a nullo creatam ponentes, quae omnium causa esset, sicut antiquissimi naturales, necessario habuerunt dicere materiam semper fuisse. Cum enim nihil se educat de non esse in esse, oportet causam aliam habere quod incipit esse; et hi posuerunt vel mundum semper fuisse continue, quia non ponebant

E por isso também, como diz Maimônides<sup>11</sup>, a Escritura divina induz os homens à consideração dos corpos celestes, por cuja disposição mostra maximamente todas as coisas estão sujeitas à vontade e providência do Criador. Com efeito, não se pode assinalar uma razão pela qual uma estrela está a determinada distância de outra, ou a razão de outras coisas semelhantes que aparecem quando se considera a disposição do céu, a não ser a partir da ordem da sabedoria de Deus; por isso se diz em Is 40, 26: *Levante seus olhos para o céu e verá quem o criou.*

Nada obsta que se diga que uma tal quantidade é consequência da natureza do céu ou dos corpos celestes, assim como também todas as coisas que são constantes possuem por natureza alguma quantidade determinada, pois assim como a potência divina não se limita a essa quantidade mais do que a outra, de modo que não se limita a uma natureza a que se deve tal quantidade mais do que a outra natureza a que se deve outra quantidade distinta. E assim em relação à natureza se formulará a mesma questão que foi levantada sobre a quantidade, ainda que concedamos que a natureza do céu não é indiferente em relação a qualquer quantidade, nem que haja nela a possibilidade outra quantidade senão essa.

Contudo, não se pode dizer assim acerca do tempo e da duração. Pois o tempo é extrínseco à coisa, como também o lugar; por isso também no céu, onde não há possibilidade em relação a outra quantidade ou acidente de inerência mais profunda, porém, existe nele uma possibilidade a respeito ao lugar e à posição, porque se move localmente, e também quanto ao tempo, o tempo sempre sucede o tempo, como existe sucessão no movimento e no onde; por isso não se pode dizer que nem o tempo nem o lugar se seguem de sua natureza, como afirmado sobre a quantidade. Por isso é claro que depende da mera vontade de Deus, que prefigurou o universo com uma certa quantidade de duração, assim como um determinada quantidade de dimensões. Por isso não se pode necessariamente concluir algo sobre a duração do universo, até o ponto em que se possa demonstrar que o mundo sempre existiu.

A. De fato, alguns, sem considerar a criação do universo por Deus, equivocaram-se sobre o começo do mundo. Por exemplo, alguns, como os mais antigos filósofos naturais, omitindo a causa eficiente, e pensando que a única matéria não criada por ninguém fosse a causa de todas as coisas, tiveram necessariamente de dizer que a matéria sempre existiu. Com efeito, como nada leva a si mesmo do ser ao não ser, é necessário pensar em outra causa que comece a ser, e esses defenderam ou que o

<sup>11</sup> MAIMÔNIDES, *Doctor perplexorum*, II, c. 19.

<sup>12</sup> ARISTÓTELES, *Physica*, VIII, 1, 250 b 23-251 a 5.

nisi naturaliter agentia quae determinabantur ad unum, ex quo oportebat quod semper idem effectus sequeretur; vel cum interruptione sicut Democritus; qui ponebat mundum vel mundos potius multoties fuisse compositos et dissolutos casu, propter causalem motum atomorum.

Sed quia inconueniens videbatur quod omnes conuenientiae et utilitates in rebus naturalibus existentes essent a casu, cum semper vel in pluribus inueniantur; quod tamen necesse erat sequi, si solum materia poneretur, et praecipue cum inueniatur quidam effectus ad quos causalitas materiae non sufficit; ideo alii posuerunt causam agentem, sicut Anaxagoras intellectum, et Empedocles amicitiam et litem.

Sed tamen isti non posuerunt huiusmodi causas agentes universi esse, sed ad modum aliorum particularium agentium, quae agunt materiam transmutando de uno in aliud. Unde necesse erat eis dicere quod materia esset aeterna, utpote non habens causam sui esse; sed mundum incepisse: quia omnis effectus causae agentis per motum sequitur suam causam in duratione, eo quod effectus non est nisi in termino motus, ante quem est principium motus, cum quo simul oportet esse agens, a quo est principium motus.

Aristoteles vero, considerans, quod si ponatur causa constituens mundum agere per motum, sequeretur quod sit abire in infinitum, quia ante quemlibet motum erit motus, posuit mundum semper fuisse. Non enim processit ex consideratione illa qua intelligitur exitus universi esse a Deo, sed ex illa consideratione qua ponitur aliquod agens incipere operari per motum; quod est particularis causae, et non universalis. Et propter hoc ex motu et immobilitate primi motoris, rationes suas sumit ad mundi aeternitatem ostendendam; unde diligenter consideranti, rationes eius apparent quasi rationes disputantis contra positionem; unde et in principio VIII Phys., mota quaestione de aeternitate motus, praemittit opiniones Anaxagorae et Empedoclis, contra quas disputare intendit.

Sed sequaces Aristotelis considerantes exitum totius universi a Deo per suam voluntatem, et non per motum, conati sunt ostendere mundi aeternitatem per

mundo existiu sempre continuamente, porque não pensavam senão nos agentes que de modo natural estão determinados ao uno, pelo qual é necessário que sempre se siga o mesmo efeito, ou com interrupção, como Demócrito, que pensava que o mundo ou os mundos foram compostos e dissolvidos muitas vezes por casualidade, pelo movimento causal dos átomos.

B. Mas, porque parecia inconveniente que todas as harmonias e utilidades que existem nas coisas naturais existissem por casualidade, pois se encontram sempre ou na maioria dos casos; porém essa casualidade se seguiria necessária se se defendesse somente a matéria; e principalmente como se encontram certos efeitos para os quais a causalidade da matéria não é suficiente; por isso outros autores defenderam que existia uma causa agente, como Anaxágoras o intelecto e Empédocles a amizade e o ódio.

Mas não salientaram que essas causas foram causas eficientes do ser do universo, senão que eram causas que atuavam ao modo das demais causas agentes particulares, que atuam transformando a matéria de uma coisa a outra. Por isso lhes era necessário dizer que a matéria era eterna, enquanto que não havia causa de seu ser; mas, o mundo teve um início, porque qualquer efeito de uma causa agente realizado mediante o movimento segue a sua causa na duração, pelo fato de que o efeito só existe no final do movimento, e antes desse está o princípio do movimento, e junto com esse é necessário que exista simultaneamente a causa agente da qual se procede o princípio do movimento.

C. Aristóteles<sup>12</sup>, porém, considerando que se se estabelece que a causa que constitui o mundo opera pelo movimento, seguir-se-ia que haveria de ir até o infinito, porque antes de qualquer movimento teria movimento; defendeu que o mundo sempre existiu. Com efeito, não partiu daquela consideração pela qual se entende que o ser do universo tem a sua origem em Deus, mas daquela consideração pela qual se pensa que um agente começa a agir por um movimento, o qual é próprio das causas particulares, e não das universais. E, por causa disso, a partir do movimento e imobilidade do primeiro motor, argumenta para mostrar a eternidade do mundo; por isso para quem considera diligentemente, os seus argumentos aparecem como razões de quem entra no debate com uma posição específica; por isso também no princípio do livro VIII da *Física*, formulada a questão da eternidade do movimento, examina previamente as opiniões de Anaxágoras e de Empédocles, contra quem pretende disputar.

D. Mas os seguidores de Aristóteles, considerando que todo o universo tem a sua origem em Deus por sua vontade, e não por um movimento, tentaram



hoc quod voluntas non retardat facere quod intendit, nisi propter aliquam innovationem vel immutationem, saltem quam necesse est imaginari in successione temporis, dum vult facere hoc tunc et non prius.

Sed isti etiam in defectum similem inciderunt in quem et praedicti. Consideraverunt enim primum agens ad similitudinem alicuius agentis quod suam actionem exercet in tempore quamvis per voluntatem agat; quod tamen non est causa ipsius temporis, sed tempus praesupponit. Deus autem est causa etiam ipsius temporis. Nam et ipsum tempus in universitate eorum quae a Deo facta sunt continetur; unde cum de exitu universi esse a Deo loquimur, non est considerandum, quod tunc et non prius fecerit. Ista enim consideratio tempus praesupponit ad factionem, non autem subiicit factioni.

Sed si universitatis creaturae productionem consideramus, inter quas est etiam ipsum tempus, est considerandum quare tali temporis talem mensuram praefixerit, non quare hoc fecit in tali tempore.

Praefixio autem mensurae temporis dependet ex simplici voluntate Dei, qui voluit quod mundus non esset semper, sed quandoque esse inciperet, sicut et voluit quod caelum nec esset maius vel minus.

#### RESPONSIONES AD ARGUMENTA

**1.** Ad primum ergo dicendum, quod bonitatis proprium est producere res in esse mediante voluntate, cuius est obiectum; unde non oportuit quod quodcumque fuit divina bonitas, res producerentur in esse, sed secundum dispositionem voluntatis divinae.

**2.** Ad secundum dicendum, quod in corpore caelesti, cum sit incorruptibile, est virtus ut sit semper; sed nulla virtus neque essendi neque operandi respicit praeteritum, sed solum praesens vel futurum; nullus enim habet virtutem ad quod aliquid fecerit, quia quidquid non est factum, non potest factum fuisse; sed habet aliquis virtutem ad hoc ut nunc vel in posterum faciat; unde et virtus existendi semper, quae inest caelo, non respicit praeteritum, sed futurum.

**3.** Ad tertium dicendum, quod non potest dici, simpliciter loquendo, caelum esse corruptibile propter hoc quod in non esse decideret, si a Deo non containeretur. Sed tamen quia creaturam contineri in esse a Deo, dependet ex immobilitate divina, non ex necessitate naturae, ut possit dici quod sit necessarium absolute, cum sit necessarium solum ex suppositione divinae voluntatis, quae hoc immobiliter statuit, potest

mostrar a eternidade do mundo pelo fato de que a vontade não atrasa fazer o que pretende, a não ser por causa de alguma inovação ou mudança, e pelo menos seria necessário imaginá-la em uma sucessão de tempo, enquanto quer fazê-lo em um determinado momento e não antes.

Mas eles também incorreram em um erro semelhante aos anteriores. Com efeito, consideraram o primeiro agente à semelhança de um agente que exerce a sua ação no tempo ainda que opere por vontade, porém uma causa que não é a mesma do tempo, mas pressupõe o tempo. No entanto, Deus é também causa do mesmo tempo. Pois também o mesmo tempo está contido na universalidade das coisas que foram feitas por Deus; por isso quando falamos da saída do ser do universo de Deus, não deve se considerar que então e não antes o fez. Com efeito, essa consideração pressupõe o tempo para a ação, mas não o sujeito a ser produzido.

Mas se considerarmos a produção da universalidade das criaturas, entre as quais está o mesmo tempo, deve se considerar que Deus fixou tal medida em tal tempo, e não fez isso em outro tempo.

Contudo, a fixação da medida do tempo depende da mera vontade de Deus, que quis que o mundo não fosse sempre, mas que começou a ser em um certo tempo, assim como também quis que o céu não fosse maior ou menor.

#### RESPOSTAS AOS ARGUMENTOS<sup>13</sup>

**1.** Respondo, dizendo, que o próprio da bondade é produzir as coisas no ser mediante a vontade, da qual é objeto; por isso não é necessário que enquanto existiu a bondade divina, as coisas fossem produzidas no ser, senão que fossem produzidas de acordo com a disposição da vontade divina.

**2.** Respondo, dizendo, que no corpo celeste, por ser incorruptível, existe um poder para existir sempre; mas nenhum poder nem de ser nem de operar é relativo ao passado, mas só para o presente ou para o futuro, pois ninguém tem poder relativo a qualquer coisa que fez, porque qualquer coisa que não tenha sido feita não pode haver sido feita, mas alguém tem poder de fazer algo agora ou depois; por isso tem também o poder de existir sempre, que pertence ao céu, que não se refere ao passado, mas ao futuro.

**3.** Respondo, dizendo, que não se pode dizer, falando absolutamente, que o céu seja corruptível pelo fato de que cairia no não ser se não fosse preservado por Deus. Porém que a criatura seja conservada no ser por Deus depende da imutabilidade de Deus, e não das necessidades da natureza, de modo que se possa afirmar que é absolutamente necessária, quando é necessário apenas por suposi-

<sup>13</sup> Na edição reproduzida por Enrique Alarcón (Taurini) não há esta divisão que ora propomos: *Responsiones ad argumenta*. Do mesmo modo, quando necessário, inserimos *Responsiones ad sed contra*, quando houver mais de um *sed contra*. O intuito é, conforme dito, orientar o leitor quanto à dinâmica da argumentação da exposição do Aquinate.

concedi secundum quid corruptibile esse caelum, cum hac scilicet conditione, si Deus ipsum non contineret.

**4.** Ad quartum dicendum, quod omnis effectus habet necessariam habitudinem ad suam causam efficientem, sive sit causa naturalis, sive voluntaria. Sed non ponimus Deum causam mundi ex necessitate naturae suae, sed ex voluntate, ut supra dictum est, unde necessarium est effectum divinum sequi non quando-cumque natura divina fuit, sed quando dispositum est voluntate divina ut esset, et secundum modum eumdem quo voluit ut esset.

**5.** Ad quintum dicendum, quod ante tempus aliquid esse, potest intelligi dupliciter. Uno modo ante totum tempus, et ante omne id quod est temporis; et sic mundus non fuit ante tempus, quia instans in quo incepit mundus, licet non sit tempus, est tamen aliquid temporis, non quidem ut pars, sed ut terminus. Alio modo intelligitur aliquid esse ante tempus, quia est ante temporis completionem; quod non completur nisi in instanti ante quod est aliud instans; et sic mundus est ante tempus. Non autem oportet propter hoc quod sit aeternus; quia nec ipsum instans temporis quod sic est ante tempus est aeternum.

**6.** Ad sextum dicendum, quod cum omne agens agat sibi simile, oportet quod effectus hoc modo sequatur a causa efficaciter operante, quod similitudinem causae retineat. Sicut autem quod est a causa naturaliter agente, retinet similitudinem eius prout habet formam similem formae agentis; ita quod est ab agente voluntario, retinet similitudinem eius, prout habet formam similem causae, secundum quod hoc producit in effectu quod est in voluntatis dispositione, ut patet de artificiatio respectu artificis.

Voluntas autem non disponit solum de forma effectus, sed de loco, duratione, et omnibus conditionibus eius; unde oportet quod effectus voluntatis tunc sequatur quando voluntas disponit, non quando voluntas est. Non enim secundum esse, sed secundum id quod voluntas disponit, effectus voluntati similatur. Licet igitur voluntas semper sit eadem, non tamen oportet quod semper ex ea effectus sequatur.

**7.** Ad septimum dicendum, quod Deus de necessitate vult suam bonitatem et omne id sine quo sua bonitas esse non potest. Tale autem non est creaturarum productio; unde ratio non sequitur.

**8.** Ad octavum dicendum, quod cum Deus creaturas ad manifestationem sui produxerit, convenientius fuit et melius ut sic producerentur, sicut convenientius et expressius eum poterant manifestare. Expressius au-

ção da vontade divina, que estabeleceu isso imutavelmente; então pode se conceder que o céu seja corruptível de modo relativo, a saber, com esta condição: se Deus não o conserva.

**4.** Respondo, dizendo, que todo efeito tem uma referência necessária à sua causa eficiente, quer por causa natural, quer voluntária. Ora, não admitimos que Deus seja causa do mundo por necessidade de sua natureza, mas pela sua vontade, como foi dito, por isso é necessário que o efeito de Deus se siga não desde o momento em que natureza divina existe, mas quando é disposto pela vontade divina que exista, e segundo o modo pelo qual quis que existisse.

**5.** Respondo, dizendo, que algo existir antes do tempo pode ser entendido de dois modos. De um modo, antes do tempo em sua totalidade e antes de tudo o que é do tempo; e assim mundo não existia antes do tempo, porque o instante em que o mundo começou, ainda que não seja tempo, porém é algo do tempo, não, de fato, como parte, mas como término. De outr modo, entende-se que algo existe antes do tempo, porque existe antes que o tempo esteja completo, e não é completo mais do que no instante antes do qual existe outro instante; e assim o mundo existe antes do tempo. Contudo, não é necessário por isto que seja eterno, porque nem o instante mesmo de tempo que assim existe antes do tempo é eterno.

**6.** Respondo, dizendo, que como todo agente produz algo semelhante a si próprio, é necessário que o efeito se siga da causa que atua eficazmente de modo que mantenha uma similitude com a causa. Contudo, assim como o que existe por uma causa que atua por natureza retém uma similitude enquanto tem uma forma semelhante à forma do agente, assim também o que existe por um agente voluntário mantém sua semelhança enquanto tem de uma forma semelhante à causa, segundo que é produzido no efeito que é disposto na vontade, como é claro em relação às coisas artificiais em relação com o artífice.

O que a vontade dispõe não é só a forma do efeito, mas também o lugar, a duração e todas as suas condições; por isso é necessário que o efeito da vontade se siga quando a vontade disponha, não desde o momento em que a vontade exista. Com efeito, o efeito se assemelha à vontade não segundo ser, mas segundo aquilo que a vontade dispõe. Portanto, ainda que a vontade seja sempre a mesma, porém não é necessário que o efeito se siga sempre dela.

**7.** Respondo, dizendo, que Deus quer por necessidade sua bondade e tudo aquilo sem o qual sua bondade não poderia ser. Contudo, a produção das criaturas não é tal; por isso a argumentação não se segue.

**8.** Respondo, dizendo, que como Deus tem produzido as criaturas para a manifestação de si mesmo, era mais conveniente e melhor que fossem produzidas de maneira que pudessem manifestá-lo de

tem manifestatur ex creaturis, si non semper sint; quia in hoc manifeste apparet quod ab alio eductae sunt in esse, et quod Deus creaturis non indiget, et quod creaturae omnino divinae subiacent voluntati.

**9.** Ad nonum dicendum, quod Deus aeternam voluntatem habuit de mundi factione; non tamen ut mundus semper fieret, sed ut tunc fieret quando fecit.

**10.** Ad decimum dicendum, quod antequam mundus esset, possibile erat mundum fieri, non quidem aliqua potentia passiva, sed solum per potentiam activam agentis. Vel potest dici, quod fuit possibile non per aliquam potentiam, sed quia termini non sunt invicem discohaerentes, huiusmodi scilicet propositionis: mundus est. Sic enim dicitur esse aliquid possibile secundum nullam potentiam, ut patet per philosophum, in V Metaph.

**11.** Et per hoc patet solutio ad undecimum.

**12.** Ad decimumsecundum dicendum, quod ratio illa procedit de agente quod incipit agere actione nova; sed Dei actio est aeterna, cum sit sua substantia. Dicitur autem incipere agere ratione novi effectus, qui ab aeterna actione consequitur secundum dispositionem voluntatis, quae intelligitur quasi actionis principium in ordine ad effectum. Effectus enim ab actione sequitur secundum conditionem formae, quae est actionis principium; sicut aliquid est calefactum per calefactionem ignis, ad modum caloris ignis.

**13.** Ad decimumtertium dicendum, quod ratio illa procedit de agente quod ita facit effectum suum in tempore, quod tamen non est temporis causa; quod in Deo locum non habet, ut ex supra dictis, patet.

**14.** Ad decimumquartum dicendum, quod si motus proprie accipiatur, divina voluntas non movetur; sed metaphorice loquendo dicitur moveri a suo volito; et sic sola Dei bonitas movet ipsam, secundum quod Augustinus dicit quod Deus movet se ipsum sine loco et tempore. Nec tamen sequitur quod quaecumque fuit bonitas eius, tunc esset creaturarum productio; quia creaturae non procedunt a Deo ex debito vel necessitate bonitatis, cum divina bonitas creaturis non egeat, nec per eas ei aliquid accrescat, sed ex simplici voluntate.

**15.** Ad decimumquintum dicendum, quod cum prima successio temporis causetur ex motus successione, ut dicitur in IV Phys., secundum hoc verum est quod omne instans et est principium et finis temporis, dicens quod verum est quod omne momentum est principium et finis motus; unde si supponamus motum non semper fuisse nec semper futurum esse, non oportebit dicere quod quodlibet instans sit principium et

modo mais adequado e expressivo. Contudo, é manifestado de modo mais expressivo pelas criaturas se estas nem sempre existiram, porque deste modo aparece claramente que foram levadas ao ser por outro, e que Deus não tem necessidade das criaturas, e que as criaturas estão inteiramente sujeitas à vontade divina.

**9.** Respondo, dizendo, que a vontade de Deus de criar o mundo é eterna; porém não que o mundo fosse sempre feito, mas que foi feito quando ele o fez.

**10.** Respondo, dizendo, que antes que o mundo existisse não era possível que o mundo fosse feito por alguma potência passiva, mas apenas pela potência ativa do agente. Ou se pode dizer foi possível não por alguma potência, mas porque, a saber, numa proposição da seguinte natureza: "o mundo existe", os termos não são discordantes entre si. Com efeito, assim se diz que algo é possível não segundo a potência, tal é claro pelo Filósofo no Livro V da *Metafísica*<sup>14</sup>.

**11.** E por isso é clara a solução ao décimo primeiro.

**12.** Respondo, dizendo, que esse argumento procede a um agente que começa a agir através de uma nova ação; mas a ação de Deus é eterna, porque é a sua substância. No entanto, diz-se que começa a agir porque é novo o efeito que resulta da eterna ação segundo a disposição da vontade, a qual é entendida como o princípio da ação em ordem ao efeito. Com efeito, o efeito segue pela ação segundo a condição da forma, que é o princípio de ação; assim como algo ser aquecido pelo aquecimento do fogo depende do calor do fogo.

**13.** Respondo, dizendo, que esse argumento procede de um agente que produz os seus efeitos no tempo, porém sem ser causa do tempo; é claro que isso não ocorre com Deus, como foi dito acima.

**14.** Respondo, dizendo, que se o movimento é tomado propriamente, a vontade divina não se move; mas, metaforicamente falando, é dito que é movida por aquilo que quer; e assim apenas a bondade de Deus a move, segundo aquilo que diz Agostinho<sup>15</sup>, que Deus se move a si mesmo sem lugar nem tempo. Porém, não se segue que a produção das criaturas tenha ocorrido no momento mesmo em que tenha existido a bondade divina, porque as criaturas não procedem de Deus como algo devido ou por necessidade da bondade, pois a bondade divina não necessita das criaturas, nem se acrescenta algo com elas, mas elas procedem de Deus por sua simples vontade.

**15.** Respondo, dizendo, que como a primeira sucessão do tempo é causada pela sucessão do movimento, tal como se diz no Livro IV da *Física*<sup>16</sup>, segundo isso, é verdadeiro que todo instante seja tanto princípio quanto final do tempo, dizendo que é verdadeiro que todo momento é início e fim do movimento; por isso, se supusermos que o princípio do movimento não tenha sempre existido, nem

<sup>14</sup> ARISTÓTELES, *Metafísica*, V, 12, 1019 b 21-23.

<sup>15</sup> AGOSTINHO, *De Genesi ad litteram*, 8, 20, 39 (PL 34, col. 388).

<sup>16</sup> ARISTÓTELES, *Physica*, IV, 11, 219 a 1-2.

finis temporis; sed erit aliquod instans quod est tantum principium, et aliquod quod tantum finis. Unde patet quod ratio ista est circularis, et propter hoc non est demonstratio; sed tamen est efficax secundum intentionem Aristotelis, qui eam inducit contra positionem, ut dictum est, in corp. art. Multae enim rationes sunt efficaces contra positionem propter ea quae ab adversariis ponuntur, quae non sunt efficaces simpliciter.

**16.** Ad decimumsextum dicendum, quod instans semper consideratur ut fluens, sed non semper ut fluens ab aliquo in aliquid, sed quandoque ut fluens ab aliquo tantum, sicut ultimum instans temporis; quandoque ut fluens in aliquid tantum, sicut primum instans.

**17.** Ad decimumseptimum dicendum, quod illa ratio non probat quod motus semper fuerit, sed quod motus circularis possit esse semper, quia ex mathematicis non potest aliquid efficaciter de motu concludi; unde Aristoteles, non probat ex circulatione motus, eius aeternitatem; sed supposito quod sit aeternus, ostendit quod est circularis; quia nullus alius motus potest esse aeternus.

**18.** Et per hoc patet responsio ad decimumoctavum.

**19.** Ad decimumnonum dicendum, quod sicut se habet scibile ad scientiam nostram, ita se habet scientia Dei ad creaturas. Nam scientia Dei est causa creaturarum, sicut et scibile est causa scientiae nostrae; unde sicut scibile potest esse, scientia nostra non existente, ut dicitur in praedicamentis, ita Dei scientia esse potest, scibili non existente.

**20.** Ad vicesimum dicendum, quod Deus praecedit mundum duratione, non quidem temporis, sed aeternitatis, quia esse Dei non mensuratur tempore. Nec ante mundum fuit tempus reale, sed solum imaginarium, prout scilicet nunc possumus imaginari infinita temporum spatia, aeternitate existente, potuisse revolvī ante temporis inceptionem.

**21.** Ad vicesimumprimum dicendum, quod si relatio domini intelligatur consequi actionem qua Deus actualiter creaturas gubernat, sic non est ab aeterno dominus. Si autem intelligatur consequi ipsam potestatem gubernandi, sic competit ei ab aeterno. Nec tamen oportet creaturas ab aeterno ponere, nisi in potentia.

**22.** Ad vicesimumsecundum dicendum, quod ratione illa utitur Augustinus, ad probandum coaeternitatem et coaequalitatem filii ad patrem; quae tamen ratio non est efficax de mundo; quia cum natura filii sit eadem

que vai existir para sempre, não é necessário dizer que cada instante é princípio e fim do tempo, mas que haverá algum instante que é só princípio e outro que é só fim. Por isso, é claro que esse argumento é circular, e por causa disso não há demonstração; porém é eficaz segundo a intenção de Aristóteles, que a introduziu contra uma determinada posição, como foi dito no corpo do artigo. Com efeito, muitas argumentações são eficazes contra uma determinada posição, devido ao que é estabelecido pelos adversários, sem ser eficazes absolutamente.

**16.** Respondo, dizendo, que o instante é sempre considerado como fluente, mas nem sempre como fluente de algo a algo, mas, às vezes, como o último instante do tempo, assim como flui apenas a partir de algo, e outras vezes, como o primeiro instante, flui apenas em algo.

**17.** Respondo, dizendo, que esse argumento não prova que o movimento sempre existiu, mas que um movimento circular poderia ter sempre existido, porque a partir da matemática não se pode concluir nada de modo eficaz sobre um movimento real; por isso Aristóteles<sup>17</sup> não prova a eternidade do movimento a partir da sua circularidade, mas suposto que o movimento é eterno, mostra que é circular, porque nenhum outro movimento pode ser eterno.

**18.** E por isso é clara a resposta ao décimo oitavo.

**19.** Respondo, dizendo, que assim como a relação da ciência de Deus ocorre com as criaturas assim também ocorre com a relação do cognoscível por nós com a nossa ciência. Pois a ciência de Deus é causa das criaturas, assim como também o cognoscível é a causa de nossa ciência; por isso, como o cognoscível pode existir sem que a nossa ciência exista, como se diz nas *Categorias*<sup>18</sup>, também a ciência de Deus pode existir, mesmo que não exista o cognoscível por ela.

**20.** Respondo, dizendo, que Deus precede o mundo na duração, não, de fato, do tempo, mas da eternidade, porque o ser de Deus não é medido pelo tempo. Antes do mundo não havia tempo real, mas apenas um tempo imaginário, a saber enquanto agora podemos imaginar que infinitos espaços de tempo poderiam voltar atrás, antes do início do tempo, na eternidade existente.

**21.** Respondo, dizendo, que se se entende que a relação de domínio se segue à ação pela qual Deus atualmente governa as criaturas, assim não é Senhor desde a eternidade. Se for entendido, no entanto, que se segue do mesmo poder de governar, então lhe compete desde a eternidade. Não é necessário, porém, estabelecer as criaturas desde a eternidade, a não ser em potência.

**22.** Respondo, dizendo, que Agostinho<sup>19</sup> usa esse argumento para provar a coeternidade e a coigualdade do Filho em relação ao Pai; e este argumento, porém, não é eficaz em relação ao mundo, porque

<sup>17</sup> ARISTÓTELES, *Physica*, VIII, 8, 261 b 26-27; 9, 266 a 6-9.

<sup>18</sup> ARISTÓTELES, *Categoriae*, 7, 7 b 23-24.

<sup>19</sup> AGOSTINHO, *Contra Maximinum Arrianum*, 2, 7 (PL 42, col. 762).

cum patre, requirit aeternitatem et aequalitatem patris; quae si sibi subtraheretur, invidiae esset. Non autem hoc requirit natura creaturae; et ideo non est simile.

**23.** Ad vicesimumtertium dicendum, quod secundum Graecos dicitur: *dominus regnavit in saeculum saeculi, et adhuc*; quod exponens Origenes in Glossa, dicit, quod *saeculum* intelligitur spatium unius generationis, cuius finis notus est nobis: per *saeculum saeculi* immensum spatium temporis, quod finem habet, tamen nobis ignotum; sed *adhuc* ultra illud, regnum Dei extenditur. Et sic *aeternum* exponitur pro tempore diuturno. Anselmus autem in *Proslog.*, exponit *aeternum* pro aevo, quod nunquam finem habet; et tamen ultra illud Deus esse dicitur propter hoc: primo, quia aeviterna possunt intelligi non esse. Secundo, quia non essent, nisi a Deo continerentur; et sic de se non sunt. Tertio, quia non habent totum esse suum simul, cum in eis sit aliqua mutationis successio.

**24.** Ad vicesimumquartum dicendum, quod pro tanto oportet illud quod incipit, habere mensuram durationis, quia incipit per motum. Sic autem tempus non incipit per creationem, unde ratio non sequitur; et tamen potest dici, quod omnis mensura in suo genere seipsa mensuratur, sicut linea per lineam, et similiter tempus per tempus.

**25.** Ad vicesimumquintum dicendum, quod tempus non se habet sicut permanentia, quorum substantia est tota simul; unde non oportet quod totum tempus sit quando incipit esse; et sic nihil prohibet dicere, quod tempus incipit in instanti esse.

**26.** Ad vicesimumsextum dicendum, quod actio Dei est aeterna, sed effectus non est aeternus, ut supra dictum est; unde licet Deus non semper fuerit causa, cum non semper fuerit effectus, non tamen sequitur quod non fuerit causa in potentia, quia actio eius semper fuit, nisi potentia ad effectum referatur.

**27.** Ad vicesimumseptimum dicendum, quod secundum philosophum, verum est in mente, non in rebus; est enim adaequatio intellectus ad res. Unde omnia quae fuerunt ab aeterno, fuerunt vera per veritatem intellectus divini, quae est aeterna.

**28.** Ad vicesimumoctavum dicendum, quod omnia illa quae ab aeterno dicuntur esse vera, non sunt alia et alia veritate vera, sed una et eadem divini intellectus veritate, ad diversas tamen res in proprio esse futuras relata; et sic ex diversa relatione potest aliqua distinctio in illa veritate designari.

como a natureza do Filho é a mesma da do Pai, requer a eternidade e a igualdade com o Pai; se for removida, seria por inveja. Contudo, a natureza da criatura não requer disso, e por isso não há semelhança.

**23.** Respondo, dizendo, que segundo o texto grego se diz: "O Senhor tem reinado pelos séculos dos séculos, e segue reinando"; explicando isso, Origenes na Glosa diz que "século" significa o espaço "de uma geração, cujo fim é conhecido por nós", "pelos séculos dos séculos" se entende um imenso espaço de tempo que tem fim, embora nós não possamos conhecê-lo; porém "mais além" disso se estende o reino de Deus. Assim, "eterno" é entendido como um tempo de longa duração. Contudo, Anselmo no *Proslogion*<sup>20</sup> entende "eterno" como evo, nunca tem fim; e, porém, diz-se que Deus está para além do mais pelo seguinte: primeiramente, porque as coisas eternas podem ser entendidas como que não existissem. Segundo, porque não existiriam a não ser que fossem preservadas por Deus, e assim não existem por si mesmas; em terceiro lugar, porque não possuem todo seu ser simultaneamente, posto que nelas existe alguma sucessão do movimento.

**24.** Respondo, dizendo, que é necessário que o que começa, porque começa por um movimento, tenha uma medida de duração. No entanto, o tempo não começou dessa forma por criação, por isso o argumento não se segue; e, porém, pode-se dizer que toda medida em seu gênero é medida por si mesma, assim como a linha pela linha, e de modo semelhante o tempo pelo tempo.

**25.** Respondo, dizendo, que o tempo não é como as coisas permanentes, cuja substância é totalmente simultânea; por isso não é necessário que exista todo o tempo quando esse começou a existir; e assim nada proíbe de dizer que o tempo começou a existir em um instante.

**26.** Respondo, dizendo, que a ação de Deus é eterna, mas o efeito não é eterno, como foi dito acima; por isso ainda que Deus não tenha sempre sido causa, pois nem sempre existiu o efeito, não se segue que não tenha sido causa em potência, porque sua ação sempre existiu, a não ser que a potência se refira ao efeito.

**27.** Respondo, dizendo, que segundo o Filósofo<sup>21</sup>, o verdadeiro está na mente, não nas coisas; pois é a adequação do intelecto à coisa. Por isso todas as coisas que existiram desde a eternidade foram verdadeiras graças à verdade do intelecto divino, que é eterna.

**28.** Respondo, dizendo, que todas as coisas que são ditas verdadeiras desde a eternidade não são uma e outra verdadeira por uma verdade distinta, mas pela única e mesma verdade do intelecto divino, porém se relaciona com coisas diversas que devem estar no seu ser próprio; e assim a partir de uma diversa relação pode designar alguma distinção nessa verdade.

<sup>20</sup> ANSELMO, *Proslogion*, 20.

<sup>21</sup> ARISTÓTELES, *Metaphysica*, VI, 4, 1027 b 25-27.

**29.** Ad vicesimumnonum dicendum, quod verbum etiam philosophi intelligitur de oratione existente in nostro intellectu vel in nostra pronuntiatione; veritas enim nostri intellectus vel verbi, ab existentia rei causatur. Sed e converso veritas divini intellectus est causa rerum.

**30.** Ad tricesimum dicendum, quod ex parte ipsius Dei facere non importat aliquid quod sit aliud quam suum dicere; non enim actio Dei est accidens, sed eius substantia; sed facere importat effectum actualiter existentem in propria natura, quod per dicere non importatur.

#### RESPONSIO AD SED CONTRA

Licet verum concludant, non tamen necessario, praeter primum, quod ex auctoritate procedit.

Argumentum enim perspicacitatis secundum temporis cursum, non ostendit tempus quandoque incepisse. Potuit enim esse quod scientiarum studia pluries fuerint intermissa, et postmodum post longa tempora quasi de novo incepta, ut philosophus etiam dicit.

Terra etiam non ita per illuvionem ex una parte consumitur, quin etiam per mutuam elementorum conversionem ex parte alia augmentetur; duratio etiam Dei, licet sit idem quod eius natura secundum rem, tamen differt ratione; unde non oportet quod sit prior duratione, si est prior natura.

**29.** Respondo, dizendo, que a afirmação do Filósofo se refere ao discurso que existe no nosso intelecto ou na nossa linguagem; pois a verdade do nosso intelecto ou palavra é causada pela existência da coisa. Mas, por outro lado, a verdade do intelecto divino é a causa das coisas.

**30.** Respondo, dizendo, que por parte do mesmo Deus o fazer não implica algo que seja distinto do seu dizer, pois a ação de Deus não é um acidente, mas a sua substância; mas o fazer implica atualmente a existência do efeito na própria natureza, o que não se implica por dizer.

#### RESPOSTA AO CONTRÁRIO

Ainda que os argumentos concluam algo verdadeiro, porém, não alcançam esta conclusão de modo necessário, com exceção ao primeiro, que é baseado em uma autoridade.

Com efeito, o argumento da perspicácia segundo o curso do tempo não mostra que o tempo tenha começado em um determinado momento. Pois poderia ser que as investigações das ciências tenham sido muitas vezes interrompidas, e depois, após um longo período de tempo, tenham começado de novo, como disse o Filósofo<sup>22</sup>.

A maneira com que as chuvas consomem a terra de uma parte não é tal que não cresça também por outra parte devido à conversão mútua dos elementos. Também a duração de Deus, ainda que na realidade seja a mesma segundo sua natureza, porém é diversa pela razão; por isso não é necessário que seja anterior na duração, se é anterior por natureza.

<sup>22</sup> ARISTÓTELES, *Metaphysica*, XII, 8, 1074 b 10-13.